

A habitação na literatura: as casas nos romances de Machado de Assis e de Lima Barreto¹

Cinthia Aparecida Tragante*

Resumo Este artigo tem como objetivo explorar as habitações e os modos de morar presentes nos romances de Machado de Assis e Lima Barreto. As obras são ambientadas no Rio de Janeiro em um período de intensa transformação urbana e cultural, as quais são representadas pelos escritores através de uma visão crítica. Embora de maneiras distintas, ambos marcam a localização da moradia como indicador social e se utilizam dos espaços como reflexos psicológicos dos personagens. As descrições das habitações enriquecem as relações do enredo e são elementos essenciais nas discussões e críticas às mudanças urbanas e sociais, além de contribuintes para a formação de um imaginário urbano sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: habitação, Machado de Assis, Lima Barreto.

Housing in literature: houses in the novels of Machado de Assis and Lima Barreto

Abstract This article aims to explore the housing and the ways of living in the novels of Machado de Assis and Lima Barreto. Those novels are set in the city of Rio de Janeiro in a period of intense urban and cultural transformations. These changes are represented in the texts of those authors with a critical view. Although they do so in different ways, both set the houses localization as a social indicator and use the spaces as a psychological reflection of their characters. The living spaces descriptions enrich the plot and are essential elements to the discussions of the urban and social changes, beyond of its contributions for the formation of an urban imaginary of this city.

Key words: housing, Machado de Assis, Lima Barreto.

La habitación en la literatura: las casas en las novelas de Machado de Assis y Lima Barreto

Resumen Este artículo tiene como objetivo explorar las casas y las formas de vivir en las novelas de Machado de Assis y de Lima Barreto. Las obras son ambientadas en la ciudad de Rio de Janeiro en un período de intensa transformación urbana y cultural y los cambios son representados en los textos de manera crítica por estos escritores. Aunque lo hagan de manera distinta, los dos utilizan la localización de las habitaciones como indicadores sociales y los espacios como reflejos psicológicos de sus personajes. Las descripciones de las viviendas enriquecen la trama y son esenciales a la discusión y crítica a los cambios urbanos, además de contribuyentes a la formación del imaginario urbano de la ciudad de Rio de Janeiro.

Palabras clave: habitación, Machado de Assis, Lima Barreto.

Quando Bento Santiago, já sozinho e casmurro, constrói uma casa à semelhança daquela que ele viveu na sua infância, seu “fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (ASSIS, 2006, p. 810). Mesmo assumindo que não logrou tal resultado (ASSIS, 2006, p. 81), a moradia, como bem já fica claro logo nos primeiros capítulos deste romance, carrega grande carga simbólica dentro do enredo².

Os fatos mais significativos na infância e adolescência de Bentinho são narrados no romance acompanhados de uma descrição clara e marcante do espaço da casa em que ocorreram. Entrando na sala de visitas e escondendo-se atrás da porta (ASSIS, 2006, p. 811), ele ouve a conversa de José Dias com sua mãe discutindo os possíveis interesses do menino em Capitu; logo em seguida, ele corre para a varanda onde permanece “tonto, atordoado, [com] as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora” (ASSIS, 2006, p. 820), sensações que são testemunhadas pelos tijolos e colunas amareladas daquele espaço (ASSIS, 2006, p. 820); o amor pueril que se transforma no ciúme doentio de Bento cresce no quintal vizinho, separado da casa da sua família pelo muro riscado por Capitu e uma frouxa portinhola (ASSIS, 2006, p. 822).

É também através da descrição de suas casas, desde a construção até a decoração, que é possível perceber que esses mesmos vizinhos provinham de famílias de realidades sociais distintas. A família de Bentinho possuía imóveis e vivia de rendas (ASSIS, 2006, p. 901) em uma casa com paredes pintadas ao estilo neoclássico e boas instalações (ASSIS, 2006, p. 810), como sala de visitas e de lição. Já Capitu e seus pais viviam numa casa menor comprada com a sorte de um prêmio da loteria (ASSIS, 2006, p. 825). Na casa de Capitu, Bentinho observa “o roído das fendas, duas moscas andando e um pé de cadeira lascada” (ASSIS, 2006, p. 855) e uma área “cercada de gaiolas de canários, que faziam cantando um barulho de todos os diabos” (ASSIS, 2006, p. 825), o que reflete uma decoração simples e o gosto pouco requintado.

Esses e vários outros exemplos mostram a importância das habitações e maneiras de morar dentro das obras literárias para a construção do enredo e das críticas que autores como Machado buscavam fazer. Não só Machado, mas também Lima Barreto utiliza o espaço das casas de seus personagens para evidenciar diversos aspectos da realidade social que vivenciava.

Este artigo procura mostrar e discutir a importância das representações das habitações e maneiras de morar nos romances dos dois escritores. Os espaços de moradia de seus personagens, suas localizações, decoração e a maneira como são descritos nas obras muito têm a dizer sobre a cidade do Rio de Janeiro e as relações sociais da época em que se passavam os romances.

Como *corpus* do trabalho, estão os romances dos dois autores. Sendo eles: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas*

*Cynthia Aparecida Tragante é Arquiteta e Urbanista, doutoranda no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-1830-5665>>.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa de mestrado desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2012/02088-0).

² Sobre Dom Casmurro, consultar Caldwell (2002). A pesquisadora faz uma análise bastante interessante do romance, inclusive sobre as simbologias associadas ao espaço da casa.

de Brás Cubas (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis e *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1909), *Numa e Ninfa* (1915), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto.

Como se vê a partir do ano de publicação das obras, entre a produção literária dos dois escritores aqui explorados, há um intervalo temporal. Machado de Assis (1839-1904) tem seu primeiro romance publicado em 1872 e o último no ano de sua morte. Os enredos presentes nos romances são, quase em sua totalidade, ambientados no período imperial da cidade carioca. Lima Barreto (1881-1922), mais novo que Machado e com romances datados do início do século XX, discorre sobre a cidade republicana com forte tom crítico sobre a realidade social que vivia. O estudo das obras dos dois escritores, portanto, possibilita fazer uma leitura das transformações ocorridas na cidade e em suas habitações em um intervalo de tempo amplo, que abrange desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do XX.

Devido ao grande volume composto pelas obras, aqui são mostrados apenas alguns excertos dos romances. A seleção destes recortes foi feita de acordo com a relevância dentro do tema. Alguns romances tratam as questões das moradias e da cidade de forma mais crítica e impactante, enquanto em outros estes pontos aparecem de maneira mais comedida. Assim, a maior presença ou pouca participação de algumas das obras analisadas são explicadas, em parte, pelo próprio desenvolvimento do enredo e pela forma de narrar a cidade praticadas pelos autores.

Diga-me onde moras e tua casa dirás quem és

A característica mais direta que os autores se utilizam para comentar sobre as habitações de seus personagens é a sua localização. Marcar onde moram parece ser uma estratégia bastante clara e simples a partir da qual se pode caracterizar as relações sociais envolvidas.

Exemplo disso é uma passagem em que Viegas, personagem de *Memórias Póstumas*, deseja construir uma casa mais nova, pois acha que a sua já tem uma aparência envelhecida.

lam, sentavam-se tornavam a ir, a falar de coisas várias, ora de um negócio de família, ora de uma bisbilhotice de sala, ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitiço moderno, porque a dele era das antigas, contemporânea de el-rei D. João VI, à maneira de algumas que ainda hoje (creio eu) se podem ver no bairro de São Cristóvão, com as suas grossas colunas na frente (ASSIS, 2006, p. 596).

A região de São Cristóvão, na segunda metade do século XIX, quando os enredos machadianos se passam, pode ser considerada uma região na transição de bairro consolidado a início da sua decadência, ocasionada principalmente pelo declínio do regime imperial. Na primeira metade do século XIX, esta região era bastante requisitada pela elite pelo fato de estar situada nas proximidades da Quinta Imperial (VILLAÇA, 2001, p. 160), onde se instalou a família real após sua chegada no Rio de Janeiro. Muito da infraestrutura nesta região se deu para atender as suas necessidades, como

o aterro o mangue de São Diogo que separava a Quinta da área central. A decadência do bairro está associada, em parte, à queda do Império (ABREU, 1988, p. 47). Portanto, a referência a este espaço alude ao declínio do sistema imperial, colocando-o como algo ultrapassado.

Viegas é descrito no romance como um senhor bastante idoso e doente, que tem planos de modernizar a sua moradia, mas nada parece fazer para colocá-los em prática, falecendo pouco tempo depois. A representação da situação do bairro feita por intermédio de tal personagem enfatiza as características de decadência do espaço referenciado.

O texto literário, em casos como este e em outros que serão vistos adiante, representa um contexto social e espacial da cidade que reflete as relações em que nela estavam sendo travadas, contribuindo para a afirmação do imaginário urbano. Neste caso, um imaginário que associa o esplendor da região na época do regime imperial e sua decadência no período posterior.

Outro trecho da obra machadiana também faz esta contribuição, mas enfatizando a época de prestígio da região. Em *Helena*, o bairro aparece como local de residência de Ângela, mãe da menina Helena. Ângela é uma personagem pobre, com a vida marcada por várias dificuldades, mas que, devido a uma grande reviravolta em sua família, acaba por formar uma segunda família com o conselheiro Vale. Ele lhe dá uma casa em São Cristóvão e cuida da educação da sua filha. Salvador, seu primeiro marido, quando toma conhecimento do paradeiro da mulher, vai procurá-la e fica surpreso com o que encontra:

Voei a São Cristóvão; gastei tempo em procurar a casa, mas dei com ela. Quando a vi, duvidei de meus olhos ou das indicações. Era uma casa elegante, escondida entre o arvoredo, no meio de um pequeno jardim. Podia ser aquela a residência da companheira de minha miséria? (ASSIS, 2006, p. 374).

Nesta passagem, a casa em São Cristóvão é elegante e valorizada, diferente da antiga referida por Viegas. De fato, o enredo de *Helena* se passa numa época mais remota que *Memórias Póstumas*. Assim, estas distintas visões sobre a mesma região demonstram e reiteram a imagem de transformação pela qual passou ao longo do século XIX.

Quem também vive em São Cristóvão é o major Policarpo Quaresma, do romance de Lima Barreto. O major vive em uma “meiga e sossegada casa” onde havia uma “chácara em que predominavam as frutíferas nacionais” (BARRETO, 2006, p.270). Embora conte com chácara e biblioteca, a casa do major Quaresma não aparece caracterizada como luxuosa, o que efetiva a possibilidade de ser uma antiga casa da região de São Cristóvão já no período de sua decadência. Mesmo em declínio, o bairro ainda era marcado pela imagem do Império, sendo, portanto, um local com um significado forte para um nacionalista como Policarpo.

Marcações representativas fortes da cidade se dão também de forma recorrente quando se trata dos moradores e frequentadores da região de Botafogo. Durante bastante tempo a região de São Cristóvão e a do Botafogo disputavam a atenção das famílias abastadas. São Cristóvão, por algum tempo, contava com uma infraestrutura que não

estava presente no Botafogo, com sistema de fornecimento de água e de esgoto (ABREU, 1988, p.45). Botafogo, entretanto, era inicialmente *locus* da aristocracia e depois das classes mais abastadas. Aos poucos, São Cristóvão vai decaindo dando mais espaço para a orla formada pela região entre o Centro e Botafogo, incluindo a Glória e o Catete.

A presença de Botafogo nos romances, tanto os de Machado quanto nos de Lima, é bastante forte e caracterizada como símbolo de espaço elitista. Também as descrições desta região são contribuintes para a formação de um imaginário da cidade, neste caso relativo a este bairro que se associa a um local de grande prestígio social da época.

O enriquecido personagem de Rubião, de *Quincas Borba*, mora no bairro do Botafogo, em uma bela casa herdada de Quincas Borba. Além dele, no final do mesmo romance, Palha e Sofia se mudam para um palacete no mesmo bairro e querem inaugurá-lo no inverno, quando toda a população estivesse na cidade (ASSIS, 2006, p. 799) para que pudessem ver sua nova posição social. A família de *Esaú e Jacó*, marcadamente abastada, também reside em Botafogo em uma bela casa, ainda que Santos, o chefe da família, almeje um palácio tal qual o do Catete (ASSIS, 2006, p. 961).

Nos romances de Lima Barreto, claramente o autor faz a associação do bairro à alta sociedade, enfatizando seu caráter elitista de maneira bastante marcada. As descrições dos personagens que vivem em Botafogo chegam a ser quase caricatas, maneira que o escritor encontrou para salientar a imagem que ele desejava criar sobre a região. É o caso do compadre de Policarpo, Coleoni, que aí morava:

Rico com os lucros das empreitadas de construções de prédios, viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na ampla casa que ele mesmo edificara e tinha todos os remates arquitetônicos do seu gosto predileto: compoteiras na cimalha, um imenso monograma sobre a porta da entrada, dois cães de louça, nos pilares do portão da entrada e outros detalhes equivalentes.

A casa ficava ao centro do terreno, elevava-se sobre um porão alto, tinha um razoável jardim na frente, que avançava pelos lados, pontilhado de bolas multicores; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente. Era uma instalação burguesa, no gosto nacional, vistosa, cara, pouco de acordo com o clima e sem conforto (BARRETO, 2006, p. 294).

Outras localizações estão associadas aos modos de vida elitistas e se referem muitas vezes a regiões das áreas mais centrais e ligadas à orla que, no início e meados do XIX ainda se resumiam a terras com pouco adensamento ou consideradas como rurais, mas passam a ser espaço de residência permanente (ABREU, 1988, p. 41). Laranjeiras, dentro deste contexto, foi essencialmente “um bairro de chácaras, no começo rústicas, para o abastecimento da cidade, com verduras, laranjas, etc., e mais tarde aristocráticas, para a moradia de fidalgos e outros homens ricos” (GERSON, 2000, p. 270).

Em Laranjeiras morava Félix e também para lá se muda Lívia, personagens principais de *Ressurreição*. Machado descreve a região em que vive Félix mostrando exatamente o caráter de habitação de transição deste bairro: “Chilreavam na chácara vizinha à casa do doutor algumas aves afeitas à vida semi-urbana, semi-silvestre que lhes pode oferecer uma chácara nas Laranjeiras” (ASSIS, 2006, p. 117).

Também representativas dos modos de vida da elite estão as casas de campo, principalmente na Tijuca. O mesmo Félix, de *Ressurreição*, possuía, além da chácara em Laranjeiras, uma casa de recreio na Tijuca, à qual vai periodicamente passar alguns dias, alterando sua estada entre este bairro e sua casa em Laranjeiras. A ida à Tijuca se comporta como uma fuga da vida urbana e agitada da cidade, como na seguinte passagem: “No dia seguinte partiu Félix para a Tijuca, onde tinha uma casa de recreio e refúgio; regressou duas semanas depois. Durante esse tempo nada soube do que ocorrera na cidade: não leu jornais nem abriu cartas de amigos” (ASSIS, 2006, p. 131).

Situação semelhante também ocorre na mesma Tijuca, agora na casa pertencente à família Cubas. Brás vai lá passar uma temporada depois da morte de sua mãe.

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. [...]

Um dia, dois dias, três dias, uma semana inteira passada assim, sem dizer palavra, era bastante para sacudir-me da Tijuca fora e restituir-me ao bulício (ASSIS, 2006, p. 546-547).

As habitações de temporada e veraneio tais como descritas nos romances machadianos se associam a um costume da elite carioca do período imperial e escravocrata. No trecho acima, podemos ler que Brás leva à chácara, um “moleque”, isto é, um escravo. A presença do escravo é colocada junto a uma lista de objetos pessoais, deixando claro a relação de propriedade entre escravo e seu senhor.

Sobre a relação entre escravidão e a arquitetura e urbanização, Reis Filho (2010, p. 27-28) explica que a arquitetura, desde o período colonial, se respaldava na mão de obra escrava. Casas simples com primitivismo tecnológico dispensavam investimento em infraestrutura (como sistema de esgoto e abastecimento) pois esta podia ser executada pelos escravos. Até a abolição, há a permanência destas relações e as chácaras e casas de veraneio, tais como descritas nos romances de Machado, são mantidas desta forma, o que explica a marcação dos escravos em seus romances. Por consequência, no período em que se passam os romances de Lima, estes espaços já são ausentes, tendo maior presença as casas urbanas em lotes menores.

O narrador de *Clara dos Anjos* comenta com bastante melancolia as características antigas desses espaços, evidenciando essa transformação:

Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na Rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações (BARRETO, 2006, p.640).

A transformação dos bairros entre o período dos romances dos dois autores também pode ser percebida na região da Cidade Nova, composta por Catumbi, Rio Comprido e Estácio. Atualmente estes bairros podem ser vistos como de classe média, mas no início de seu desenvolvimento foi local de moradia de grandes proprietários de terras e escravos (GERSON, 2000, p. 337).

Brás Cubas vivia em sua chácara em Catumbi, onde falece: “Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi” (ASSIS, 2006, p. 51).

E em Rio Comprido, também compondo a Cidade Nova, remontando já o início do XX, mora Isaías Caminha numa casa de cômodos, localizada não muito distante do centro, tampouco na região mais procurada pela elite. O bairro que inicialmente atraía pessoas de elite, passa a ser local de residência de remediados, como aponta Gerson (2000). A localização do tipo de moradia nesse romance barretiano retrata, portanto, a trajetória dessa região:

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhe-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas.

O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelados, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado (BARRETO, 2006, p. 219-220).

Machado faz a referência a estas áreas mais afastadas da cidade procurando evidenciar ao leitor a alta posição de seus personagens, que podiam gozar deste modo de vida privilegiado na época em que se passam seus romances. No caso do romance de Lima, ao descrever a experiência de Isaías, o autor traz à tona o tema da transformação do território urbano que passa a criar soluções para o abrigo dos mais pobres.

As reformas urbanas que se iniciaram no final do século XIX culminando na Reforma Passos no início do XX foram responsáveis por um espaço da área central reorganizado sob novas bases econômicas, que faziam com que não fosse mais condizente a presença de pobres na região mais valorizada da cidade (ABREU, 1988, p. 63). A valorização econômica desta área e consequente aumento dos aluguéis fez com que esta população fosse

forçada a morar com outras famílias, a pagar aluguéis altos (devido à diminuição da oferta de habitações ou a mudar-se para os subúrbios, já que pouquíssimas foram as habitações populares construídas pelo Estado em substituição às que foram destruídas (ABREU, 1988, p. 66).

A discussão sobre a vida em espaços mais empobrecidos e longínquos da cidade e suas formas de morar é tema bastante forte na obra de Lima. Tal presença não é necessariamente numerosa, mas bastante enfática quando surge nos romances barretianos. As longas descrições destes espaços parecem mesclar duas características na obra de Lima: de um lado, sua presença marcante indica a preocupação do autor com as transformações urbanas que trouxeram novos espaços e lógicas à cidade, as quais Lima trata de forma crítica e incisiva, dando a sua literatura um aspecto bastante denunciativo. De outro, contribuem fortemente para a caracterização dos seus personagens no enredo,

funcionando assim como um elemento interno dentro do texto literário. O escritor então dedica longos trechos a estas descrições.

Exemplo disso se encontra no romance *Numa e Ninfa*, em que há a descrição da casa de Barba-de-Bode, caracterizado como um mulato, pobre, desempregado que trabalha a serviço de alguns políticos. Sua casa parece seguir o padrão da casa unifamiliar dos mais empobrecidos do século XIX. Na sua descrição, é exaltada sua simplicidade, pequenas dimensões e o fato de ter poucos moradores. É retratada como uma habitação

comum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectível rótula, janela, duas alcovas, salas, onde moravam ele, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hóspede, um russo, o Dr. Bogoloff. Não era das mais povoadas, pois outras havia em que se amontoavam no seu estreito âmbito oito e dez pessoas. A mobília era a mais reduzida possível. Na sala principal, havia duas ou três cadeiras de madeira, com espaldar de grades, a sair de quando em quando do encaixe, ficando na mão do desajeitado como um enorme pente; havia também uma cômoda, com o oratório em cima, onde se acotovelavam muitas imagens de santos, e, cá do lado de fora, queimava uma lamparina e secavam em uma velha xícara ramos de arruda (BARRETO, 2006, p. 452-453).

Em *Clara dos Anjos*, a presença das habitações mais simples fica mais evidente. A casa onde mora Clara, de seu pai Joaquim dos Anjos, demonstra a simplicidade, porém cheia de honestidade da família. Clara é a vítima ingênua do romance que tem um injusto e trágico desfecho. Seus pais e a casa que elegem para viver refletem a educação que recebeu:

[...] Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios em que ainda morava e era dele. O seu preço fora módico, mas, mesmo assim, o dinheiro da herança não chegara, e pagou o resto em prestações. Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu buraco, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos (BARRETO, 2006, p. 638).

No extremo oposto, há a descrição da casa de Cassi Jones, o vilão da história:

Tinha boa aparência a residência da família do Senhor Azevedo; mas quem a observasse com cuidado, concluiria que a parte imponente dela, a parte da cimalha, sacadas gradeadas e compoteiras ao alto, era nova. De fato, quando o pai de Cassi a comprou, a casa era um simples e modesto chalet, mas, com o tempo, e com sua vagarosa, mas segura, prosperidade, pôde ir, também devagar, aumentando o imóvel, dando um aspecto de boa burguesia remediada. Na frente, não era alto; o

terreno, porém, inclinava-se rapidamente para os fundos, de forma que, nessa parte, havia um porão razoável, onde, ultimamente, habitava Cassi. O puxado, na traseira da casa, também tinha porão, porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo (BARRETO, 2006, p. 746).

A casa em que mora Cassi é descrita com algo que chama atenção: a sua aparência enganosa, que espelha uma prosperidade recente. Embora tenha uma boa aparência, ao se deter em olhá-la com cuidado, é possível perceber que os elementos que chamam atenção são postiços, sobrepostos em uma casa simples. Postiço também é o prestígio social de Cassi no subúrbio, que desaparece quando pisa no centro, onde se perde diante da multidão e se sente inferior (BARRETO, 2006, p. 729).

Cassi mora na parte mais obscura da casa, o porão, e divide o espaço com animais e com “coisas velhas ou sem préstimo, que a família refugava, sem querer pôr fora de todo”. A simbologia é simples e direta. Cassi parece fazer parte destas coisas que a família não consegue se livrar. Embora o pai de Cassi não tenha uma boa relação com ele, a família o continua amparando, especialmente sua mãe, que o defende diante de Clara ao fim do romance, mesmo diante da triste situação da menina.

As habitações mais simples estão mais evidentes nos romances de Lima do que em Machado. Machado trata de algumas, mas pouco sobressalientes em seus romances, talvez até mesmo ofuscadas pelas outras diversas descrições das mais refinadas.

Um dos poucos personagens em Machado indicado como pobre, mas que tenta se igualar ao seu círculo social de homens mais abastados, era o Major Siqueira, do romance *Quincas Borba*. Sua casa demonstra uma decoração precária e simples, mas marcada pelo trabalho da filha, em limpar e arrumar.

Era em casa do major, não já na Rua Dois de Dezembro, mas na dos Barbonos, modesto sobradinho.

[...] a casa dizia a pobreza da família, poucas cadeiras, uma mesa redonda velha, um canapé gasto; nas paredes duas litografias encaixilhadas em pinho pintado de preto, uma era o retrato do major em 1857, a outra representava o Veronês em Veneza, comprado na Rua do Senhor dos Passos. Mas o trabalho da filha transparecia em tudo; os móveis reluziam de asseio, a mesa tinha um pano de crivo, feito por ela, o canapé uma almofada (ASSIS, 2006, p. 756).

O trecho acima evidencia a tentativa de reprodução dos modos de vida da elite com a presença dos móveis e da decoração. O major é um personagem representado pela busca da inserção no alto círculo social do Rio de Janeiro. Em contrapartida, também se percebe no recorte a reiteração do imaginário que coloca o respeito à pobreza quando associado ao asseio.

Relação semelhante ocorre no trecho de *Iaiá Garcia* que trata da casa de Luís, pai de Iaiá, marcado pelas características de modéstia e humildade. Luís Garcia é o pai protetor que faz de tudo pela filha, inclusive usa suas economias para comprar-lhe um piano “tão novo e lustroso” que contrasta “[...] com os outros móveis da casa,

modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo ao sofá [...]” (ASSIS, 2006, p.398). Todo o sacrifício econômico de Luís Garcia é justificado pelo fato de que a peça – que não podia faltar no mobiliário da elite e que já era presente até mesmo nas habitações mais modestas – era considerada indispensável à educação das moças (VAL, 1977, p. 45). No caso de Luís, sua condição econômica é superior ao do Major Siqueira, mas, ainda assim, é um dos personagens de Machado que não fazem parte da alta elite carioca. A associação da pobreza aqui é feita com a humildade, fazendo com o texto literário mais uma vez reafirme um imaginário relativo a este modo de vida.

Em *Quincas Borba*, a reprodução dos costumes da elite se coloca a partir das impressões e aquisições de Quincas quando inserido nesse mundo. Quincas é um personagem modesto que recebe uma grande herança, mudando totalmente sua vida e rotina. No trecho a seguir, há uma auto cobrança do personagem para refinamento de seu gosto, mostrando a necessidade de adequação ao modo de vida da elite:

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteria, execução fina e acabada [...] (ASSIS, 2006, p. 643).

Se as descrições dos interiores revelam os modos de vida da época, a aparência externa das moradias mostra as alterações na arquitetura que foram ocorrendo no período. Percebe-se o surgimento de casas que atendiam as normas de construção vigentes na época. Por exemplo, é possível notar a presença dos recuos laterais, que eram uma solução higienista para melhor circulação do ar.

A descrição da casa do deputado Macieira, do romance *Numa e Ninfa*, de Lima Barreto, se assemelha a este tipo, pois era “toda era cercada pelo jardim e a varanda ao lado desaparecia sob um dossel de trepadeiras” (BARRETO, 2006, p.459).

Outras habitações mais refinadas que contam com elementos como estes também aparecem nos demais romances de Lima Barreto, mas são pontuais e reforçam a ligação a altos cargos. É o caso do Doutor Castro, deputado a quem Isaías quer entregar uma carta de recomendação. Após passar dias à sua procura, finalmente descobre onde mora e vai procurá-lo. A descrição da sua residência é de uma

casa apalacetada, afastada da rua, no centro do terreno, entrada do lado e varanda, jardim na frente e bojudas compoteiras no telhado. A casa erguia-se do solo sobre um porão de boa altura, com mezaninos gradeados e as janelas, de sacadas a olhar para os pequenos canteiros do jardim, a essa hora povoados de flores que desabrochavam, murchas por aquela manhã quente (BARRETO, 2006, p. 150).

Aliás, a exaltação do porão “de boa altura” como um dos elementos que chamam atenção na fachada da casa é marcante em Lima Barreto. Também em *Numa e Ninfa* essa ênfase ocorre. A casa onde moram Numa, sua mulher e toda a família do sogro,

é descrita como uma casa sem muitos adornos arquitetônicos, mas se ressalva que o porão é bastante alto

Era um casarão comum, sem movimento, quer na fachada, quer na massa toda do edifício. Muito simplesmente um paralelepípedo, com largas aberturas de portas e janelas, tinha um só pavimento, mas o porão era tão alto que bem se podia contar como outro (BARRETO, 2006, p. 430).

A casa urbana de porão alto se configura como uma novidade do fim da primeira metade do XIX. Reis Filho (1978) explica que ela se afirma como uma transição entre os sobrados e as casas recuadas. Tratando das casas urbanas no alinhamento da rua, próximas às vias e passagens, o porão alto mantinha a privacidade do lar. Funcionalmente, a elevação do porão, evitando a proximidade do piso com o solo, foi uma solução adotada para o combate da umidade, estando associada, portanto, às medidas de higiene, como aponta Correia (2004, p. 28). A exaltação do porão alto nos romances mostra certa superioridade em relação àquelas que se alinhavam nas vias urbanas diretamente.

Conclusões

O trabalho buscou levantar e avaliar a presença das moradias nos romances de Machado de Assis e de Lima Barreto. Diversas outras marcações como as assinaladas aparecem ao longo dos quatorze romances analisados. Buscou-se aqui mostrar algumas daquelas que sintetizam a maneira como os dois escritores inserem as habitações em suas obras.

Analisando a localização das habitações presentes nas obras de maneira ampla, percebe-se que em Machado as moradias se espalham pela parte ligada ao centro e à orla, o que compunha, no período de seus romances, a parte principal da mancha urbana da cidade. Estas localizações se referem, a bairros como Laranjeiras e Botafogo, Catete e Glória, ou às áreas mais periféricas destinadas principalmente às habitações de veraneio, como a Tijuca. À época de Machado, a área suburbana ainda não estava muito adensada.

A presença predominante das moradias da elite nos romances machadianos não é sinônimo, entretanto, da pouca relevância da pobreza e das moradias precárias no Rio de meados do XIX. Com a população em crescente aumento já no século XIX, passam a ter presença na cidade os cortiços e a pobreza urbana se transforma em preocupação das elites, sendo alvo de estudos de médicos, engenheiros, entre outros campos do saber (VALLADARES, 2000, p. 06). Já nas últimas décadas do século XIX, portanto, a questão habitacional era importante no Rio. Este, entretanto, não é um tema muito explorado por Machado ao tratar dos espaços de moradia nos enredos.

Machado, portanto, em termos espaciais, compreende grande parte do território urbano da cidade do Rio em meados do XIX para alocar os seus personagens, mas socialmente não dá a mesma atenção a todas as classes existentes na então capital. Poucos são os personagens pobres em Machado e as descrições das habitações mais humildes.

No caso de Lima Barreto, os locais de habitação nos romances são menos presentes. O autor trata da cidade através de paisagens, descrições dos modos de vida, dos costumes,

das dificuldades étnico-raciais e as moradias dos personagens aparecem de maneira mais pontual. Quando aparecem, entretanto, são compostas por longas descrições.

Embora não ocorra em grande quantidade, a habitação em Lima é equilibrada entre centro e subúrbio. Esse equilíbrio evidencia essa dualidade – a atenção de Lima tanto se volta à moradia dos suburbanos, quando para a dos que moram em bairros de elite. Esse equilíbrio, como aqui se mostrou, no entanto, mostra a preocupação do autor com a crítica. O escritor descreve a habitação suburbana para denunciar a precária situação destes moradores, assim como descreve a habitação de elite para apontar criticamente as discrepâncias entre os dois modos de vida.

Em ambos os autores, as descrições das moradias funcionam como marcadores sociais e parecem avançar na composição da trama, muitas vezes com a função de informar ao leitor algo sobre a situação ou personagem. Além disso, são contribuintes para a composição de um imaginário urbano que associa modos de vida e costumes a espaços da cidade, valorizando ou desvalorizando certas regiões.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 3 ed. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1988.
- ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: Obra Completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.
- BARRETO, Lima. *Lima Barreto: Prosa seleta*. Organização de Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- CALDWELL, Hellen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CORREIA, Telma de Barros. *A Construção do habitat Moderno no Brasil, 1870-1950*. São Carlos, RIMA, 2004.
- GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- VAL, Valdir Ribeiro do. *Geografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1977.
- VALLADARES, Licia. *A gênese da favela carioca: A produção anterior às ciências sociais*. *RBCS*, Vol. 15, nº 44 outubro/2000.

Recebido [Abr. 01, 2017]

Aprovado [Ago. 15, 2017]